

6

As encararmos o conjunto de problemas que constituem a actual crise da Universidade, surge-nos este como um dos de maior interesse.

Para a sua solução têm de concorrer professores e alunos, a todos se exigindo o máximo de boa vontade.

Dada a extensão e a importância do assunto, dividi-lo-emos em duas partes: na primeira daremos uma rápida visão daquilo que, na Universidade Portuguesa, mais se afasta do intercâmbio ideal entre as várias Escolas Superiores e faremos notar os seus principais inconvenientes. Na segunda procuraremos ser concretos e construtivos apresentando algumas sugestões.

Não pretendemos ser exaustivos nem julgamos ideais as sugestões apontadas. Mas talvez elas suscitem no espírito de quem nos teve interesse pelo problema e possam ser aproveitadas num ou noutro aspecto.

XXXXX

Sabemos bem, pois nisto já se tem insistido muito, que a Universidade primitiva procurava a formação do homem integral, isto é, a preparação do homem para compreender e poder cumprir cabalmente a sua função de ser humano.

Para Ortega y Gasset a principal missão da Universidade medieval não era investigar nem ocupar-se exclusivamente da profissão. O seu essencial era... cultura geral.

Se quiséssemos, portanto, voltar ao objectivo inicial da Universidade, encontrar-nos-íamos perante um ensino superior baseado na cultura geral. Claro que já não iríamos ministrar aquela soma de conhecimentos que o homem do século XIII possuía, mas seguindo a definição de que "cultura é o sistema vital das ideias peculiares de cada tempo", seria muito outra a matéria a ensinar.

No entanto, objectar-se-á, a nessa época exige uma especialização intensa pois o progresso aumentou enormemente o campo de saber, e seria impossível a uma inteligência humana conhecer profundamente todas as ciências com o desenvolvimento que já têm. A esta objecção podemos responder que o homem não deixa de ser homem pelo facto de ter de se preparar especialmente para uma profissão. Pelo contrário, as suas responsabilidades aumentaram na medida em que se estreitou o seu campo de acção. Se amanhã esse técnico, esse ^{fil}élogo, esse cientista, for ocupar o lugar que lhe estará reservado profissionalmente, não deixará por isso de formar um lar, de educar os seus

filhos, de socorrer os seus semelhantes. Será talvez chefe, mas não deixa de ser homem. E se, como chefe, tem de ter um "mínimo de cultura que toda a função de comando reclama" (como diz o Prof. Pires Cardese), como homem precisa muito mais de receber em si aqueles valores de espírito que tornam a vida digna de ser vivida.

Quais são esses valores? Os que dão ao ser humano o conhecimento das suas relações para com Deus, e para com o próximo, da natureza com todos os seus mistérios desventados e da obra magnífica saída das mãos dos homens.

Esses valores são-lhe transmitidos no período em que o homem se está a educar porque, segundo Edward Leen, "educação é aquela cultura da inteligência, da verdade e das emoções que, ao mesmo tempo que habilita o homem para o exercício de determinada profissão, o capacita para realizar uma vida social e pessoal equilibrada, dentro da estrutura dessa profissão."

O homem é, pois, encarado na sua dupla missão a qual, longe de constituir duas partes inteiramente distintas que se possam considerar incompatíveis, antes as reúne harmonicamente para que sirvam de complemento uma à outra.

A Harvard Comitee, encarregada de estudar a reforma da educação nos Estados Unidos, concretiza o nesse pensamento nas seguintes palavras: "A educação geral e a educação técnica não devem ser colocadas em mútua competência. A educação geral deve prever não só uma base adequada para a escolha de uma especialidade, mas também deve ser um meio no qual a especialidade pode desenvolver plenamente as suas capacidades. A educação geral é um organismo total integrado; a educação especial é um órgão, um membro designado para preencher uma função determinada".

Precurámos prevar, ao apresentarmos o parecer de duas autoridades, que a educação tem de atender à dupla função existente no homem profissional: a função que deriva da profissão que vai exercer e a que deriva da sua condição de homem.

Mais ainda: a própria cultura que vai ajudar o homem a realizar-se integralmente, irá também auxiliá-lo no desempenho da sua profissão. Primeiro, ajudando-o na sua missão de chefe, essa formação intelectual e, sobretudo, moral e social, dar-lhe-á as aptidões necessárias para exercer uma influência directa sobre o meio. Finalmente, como simples profissional, (porque é preciso lembrar que a Universidade se destina a formar não só o esgoes da Nação mas também o homem médio culto) a formação integral permitirá a esse mesmo homem, como diz o Dr. Okinczyc "escolher, prever, determinar. A isto chamamos competência e, tendo-a, podemos poupar-nos a algumas ex-

3
periências infelizes; assim a cultura geral é, na realidade, uma economia na utilização racional e experiente das nossas capacidades."

Façamos agora uma pequena análise do aspecto inverso da questão, queremos dizer, do homem que se confina a um ramo especializado do saber. É Sertillanges quem nos fala sobre os inconvenientes do estudo isolado de uma ciência: "Embora cultivemos uma especialidade não é prudente nem é fecundo confinar-nos nela exclusivamente. Isso equivaleria a pôr antolhos. Nenhuma ciência se basta a si mesma; nenhuma disciplina, encarada em si só, é luz suficiente para iluminar os seus caminhos. Isolada, mirra-se, emagrece, estiola-se, e, na primeira ocasião, extravia-se." E mais adiante, descendo a uma maior concretização, o mesmo autor nos diz: "O cultivo exclusivo de qualquer ciência apresenta igualmente perigos que ninguém de bom senso desconhece. O estudo isolado das matemáticas falseia o juízo, habituando-o a um rigor que nenhuma outra ciência, e menos ainda a vida real, comporta. A complexidade da física e da química causa fastio e apouca o espírito. A fisiologia conduz facilmente ao materialismo, a astronomia corre o perigo de habituar à divagação, a geologia converte-vos em galgos que tudo farejam, a literatura torna-vos balafos, a filosofia incha, a teologia expõe-vos ao falso sublime e ao orgulho doutoral. Precisais de passar de um espírito a outro, a fim de os corrigir um pelo outro; precisais de variar as culturas para não cansar o solo."

Embora a citação fosse um pouco longa considerámo-la necessária pois exemplifica de forma precisa e verdadeira o que queremos demonstrar.

Mas talvez nem precisemos de nos reportar às palavras de um homem como Sertillanges para sentirmos o problema em toda a sua agudeza. Basta-nos, para isso, notar a falta de assuntos comuns de conversa que temos com estudantes de Faculdades que não sejam a nossa, com os quais nos limitamos, muitas vezes, a trocar impressões sobre temas que estão muito abaixo do nível universitário. Exactamente naquele plano mais elevado do conhecimento no qual devia haver um encontro dos espíritos existe um maior afastamento, devido a que cada uma possui apenas conhecimentos enciclopédicos de pormenor relacionados com a sua especialização. Não temos, de forma alguma, a compreensão integradora do carácter unitário de todas as ciências, mas possuímos unicamente, em maior ou menor grau conforme no-la deram ou a apreendemos, uma cultura pormenorizada e analítica que conduz à já famosa deformação profissional. Este aspecto pode, pela vida adiante, assumir gravidade pa-

ra o homem, não só em relação aos seus companheiros de trabalho como também em relação à mulher com quem casar (sobretudo se esta for universitária).

Mas, como adquirir essa educação integral que já se nos afigura necessária? Qual a melhor forma do estudante universitário receber a transmissão desses valores que dão um sentido à vida e o não deixam cair numa visão restrita da Humanidade nem esquecer-se da parte mais elevada do homem - a alma?

Tal como temos feito até aqui, não entraremos em sugestões de carácter particular. Damos apenas opiniões de ordem geral, apoiadas pelo parecer de algumas autoridades.

É fácil depreender das considerações feitas que nem todas as Escolas Superiores necessitam do mesmo grupo de cadeiras de cultura geral, mas que se deve tender à formação de um ^{núcleo} grupo que seja complementar de cada uma. Especificando, deverão acrescentar-se a cada curso aquelas noções que possam elevar o conhecimento do aluno a uma esfera mais ampla do saber, tanto rasgando-lhe horizontes sobre aquilo que não toca a sua especialização, como dando-lhe uma visão integral e superior da sua missão de ser humano. Estas noções, sobretudo as que se referem às realizações e descobertas do homem e ao seu pensamento através dos séculos, serão ministradas de uma forma sintética, sistemática e completa, isto é, pedagogicamente racionalizada, como diz Ortega y Gasset.

Fundação Cuidar o Futuro

São portanto dois os fins que propusemos à cultura geral. Do primeiro falaremos pormenorizadamente na segunda parte do nosso trabalho. Interessamo-nos agora focar o segundo, ou seja, a visão integral e superior da missão de ser humano.

Sabemos que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus que lhe deu a razão e o domínio sobre todos os outros animais. Este domínio tem-se estendido progressivamente e hoje o homem pode dizer que impera, pelo espírito e pelo corpo, não só sobre os animais como sobre toda a natureza. Ora é exactamente nestes dois aspectos, espírito e corpo, que vamos encontrar a chave daquilo que devia ser o ensino universitário.

Na realidade, se "o homem é um todo indivisível de extrema complexidade" como afirma Alexis Carrel, no momento em que quisermos apagar uma das partes que o constituem para desenvolver unicamente a outra, estamos a ir contra a estrutura íntima do ser humano. No entanto assim procedemos, e por isso os nossos universitários se preparam ou para dominar materialmente o mundo, ou para o dominar espiritualmente; e nunca têm presente que a sua mise

5
são é dupla. Não queremos com isto dizer que o homem deva ser preparado igualmente em todos os campos da ciência (tomando ciência no sentido de ciências do espírito e ciências da natureza). Já atrás dissemos que consideramos o campo actualmente abrangido por ela demasiadamente grande para que um homem o possa conhecer na íntegra. Não nos é lícito, pois, negar, com a evidência que a questão assume, que o universitário tem de ser preparado ~~em~~ especialmente num campo mais ou menos ~~restrito~~ restrito, no qual irá actuar pela vida fora. O que pretendemos demonstrar é que nunca o estudante se pode esquecer das responsabilidades que tem perante si próprio, perante os seus semelhantes e perante Deus e de que as ~~as~~ não pode pôr de lado com a simples desculpa de que trabalha, no seu campo ~~restrito~~ ^{restrito}, para o bem comum. A sua missão é muito mais vasta e só na medida em que integrar a sua profissão numa visão mais larga e profunda do mundo é que cumprirá o que Deus quer de si.

XXXXXXXXXX

Chegámos ao momento de apresentar as sugestões já anunciadas que procuraremos sejam o mais possível concretas e realizáveis.

Esta segunda parte do nosso trabalho dividir-se-á em duas:

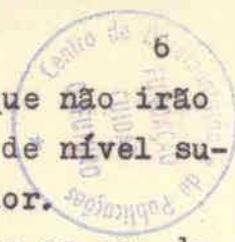
- na primeira admitiremos uma reforma geral do ensino superior;
- na segunda adaptaremos as referidas sugestões às Faculdades e Escolas Superiores nas condições em que funcionam actualmente.

Passemos ao desenvolvimento da primeira parte.

Quando líamos o livro de Piobetta "Les Institutions Universitaires en France" encontrámos uma informação que nos pareceu de grande interesse e que reproduziremos a seguir:

^{Desde} ~~Depois de~~ 1948, antes de começarem a seguir o curso especializado para se licenciarem em Ciências ou em Letras, que os estudantes têm que fazer os exames do certificado preparatório pelo qual é sancionado o primeiro ano de estudos. (...) A instituição desta medida nas Faculdades de Ciências e de Letras pode ser considerada como o prelúdio de uma organização que se estenderá a todas as Faculdades e que, mais tarde ou mais cedo, se traduzirá pela criação, junto de cada Universidade, de um centro de preparação para os estudos superiores. "

Afigura^{ou}-se-nos extraordinariamente interessante e oportuna esta tendência actual da Universidade Francesa. E imediatamente estabelecemos uma comparação: enquanto na França, terra de origem da Universidade, se procura



cada vez mais que o aluno tome contacto com aquelas matérias que não irão constituir a sua especialização mas das quais deve ter noções de nível superior, em Portugal essa especialização é progressivamente maior.

Em França começa-se a prolongar o liceu pelo adição de um ano de adaptação à Faculdade, durante o qual as matérias sejam comuns para todos. Em Portugal, desde o 6º ano, os alunos estão divididos em 7 grupos completamente distintos.

As vantagens que advirão à criação desse, chamemos-lhe assim, ano pré-universitário, é ainda Piobetta quem no-las indica: "Graças à reunião nesses centros de todas as disciplinas educativas, graças aos cursos de iniciação que lhes serviriam de base, graças também à troca contínua de ideias que se estabeleceria entre os estudantes, as aptidões e os gostos encontrariam o seu caminho, as vocações verdadeiras fortalecer-se-iam e um estudante que, no liceu, se destinava às matemáticas, reconheceria que tinha sido feito para estudar medicina ou direito."

É evidente que este ano pré-universitário não podia ser acrescentado aos cursos na forma como estão organizados actualmente. Seria sobrecarregá-los de uma maneira desastrosa; por isso, logo de início, pusemos como permissa a reforma total do ensino. Só assim se poderia conceber uma modificação deste género que alteraria todo o ensino universitário na sua mais íntima estrutura.

Quanto à duração deste curso preliminar, ela seria ampliada ou diminuída conforme se julgasse melhor, além de que é preciso lembrar que tudo dependeria do ensino liceal no caso deste ser mais ou menos completo.

Talvez assim pudéssemos ter a certeza de que o aluno, ao tirar uma especialização, já levava dentro de si conhecimentos gerais de ordem superior que lhe permitissem integrar-se na comunidade humana e nela trabalhar, não isolado, mas em coordenação com os outros membros, tal como as peças de um relógio, embora exercendo cada uma a sua função, trabalham todas em conjunto para um único fim.

Ainda englobada numa reforma total do ensino universitário, aparece-nos outra solução que julgamos igualmente aceitável: a criação de um núcleo de cadeiras de cultura geral junto de cada Faculdade ou Escola Superior adaptadas às necessidades dos respectivos cursos. Estas disciplinas seriam dadas de uma forma sintética e sistemática e aí estaria a sua principal virtude.

Na realidade, todos podemos procurar adquirir cultura, mas nem sempre

sabemos como fazê-lo nem o fazemos da forma mais recomendável, envolvendo-nos em pormenores de somenos importância e passando por cima das linhas gerais que mais nos deviam interessar.

Quanto ao carácter obrigatório ou facultativo dessas disciplinas, não somos optimistas a ponto de imaginar que, uma vez a funcionar, todos os alunos nelas se inscrevessem, com aquele desejo de aprender e de trabalhar que nos é peculiar. Por isso inclinamo-nos para a sua obrigatoriedade,

Mas, quais as matérias que constituiriam esse núcleo basilar?

O Prof. Pires Cardoso propõe-nos três: Filosofia, História e Sociologia. É preciso acrescentar o alto valor educativo daqueles livros que, como diz a já citada Havard Comitee, "têm sido os grandes orientadores da nossa civilização e mais influência têm exercido sobre os homens.

Por outro lado existem alunos como por exemplo os da Faculdade de Letras que necessitam de tomar contacto com o progresso atingido pelo homem, com os seus principais inventos, com os mistérios da natureza desvendados actualmente. Dir-nos-ão que bastam para isso os conhecimentos adquiridos no liceu. Mas, (e isto é só um pequeno exemplo) se não temos nem umas leves noções de biologia, como poderemos compreender as descobertas mais essenciais da medicina? Não esqueçamos que (para ~~se~~ andar com acerto na selva da vida é necessário ser culto, é forçoso ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive. "A noção que possam ter estudantes de Letras ou de Direito da superioridade da sua cultura é absolutamente errada, porquanto não possuem, de forma alguma, uma cultura ^{al} actual~~a~~.

Mas é preferível deixar uma reforma do ensino que por enquanto é apenas utópica e encarar as realidades de todos os dias, os cursos tal como estão formados, o trabalho especializado que de nós se exige.

Dois aspectos são ainda os que se podem observar nesta parte do nosso trabalho: primeiro, o que se refere a uma cultura ministrada em classes e necessitando para isso do concurso dos professores; segundo, o que se pode restringir ao intercâmbio entre alunos.

Quanto ao primeiro, lembremos o que já acima foi dito sobre o núcleo basilar de cadeiras de cultura adaptadas aos vários cursos e dadas de uma forma sintética e sistemática. A diferença está em que essas cadeiras seriam facultativas e assumiriam o aspecto de conferências nas quais se focassem problemas de carácter geral apresentados com um nível universitário.

Por outro lado também se podia levar a efeito um intercâmbio de professores de várias Faculdades que fariam conferências de divulgaç^{ão}

dos problemas da sua especialidade.

Acentuamos a palavra divulgação porque a maior parte das conferências deste género que até hoje temos ouvido versam pormenores especializados que, embora nos dêem a conhecer o saber e a inteligência profunda de quem os apresenta, são de pouco interesse prático para a formação integral daqueles que os ouvem.

Finalmente, apresentaremos um possível intercâmbio entre os próprios estudantes.

Em todas as Faculdades há (ou pelo menos devia haver) uma Associação Académica. Esta destina-se, além de outros fins de ordem filantrópica, a elevar o nível intelectual dos seus sócios. São, pois, o órgão indicado para fomentar este intercâmbio que deveria ser contínuo.

É nesta continuidade que se fundamenta o que sugerimos a seguir: que um aluno de cada Faculdade fosse, semanal ou quinzenalmente, fazer uma conferência de divulgação ~~maximamente~~ de um problema que conhecesse profundamente nas outras Escolas Superiores da Universidade. Não é do nosso conhecimento que a Comissão Inter Associações tenha promovido algo com este aspecto continuado. Não podemos, no entanto, deixar de salientar os esforços que se têm feito em várias A. A. para fomentar um intercâmbio por meio de conferências. Entre elas estão, em lugar de evidência, as da Faculdade de Ciências e do Instituto Superior Técnico.

Creemos também que seria da máxima utilidade que as referidas conferências tivessem o carácter acima indicado para as de professores.

É certo que se torna difícil o que agora propusemos dada a dispersão que existe entre as nossas Faculdades e a precaridade da sua instalação; mas, embora difícil, não é de todo impossível. E talvez que um dia nós cheguemos a ter a prometida Cidade Universitária o que facilitará todas estas aproximações.

Há, porém, outro problema de ordem moral que se nos afigura bem mais grave e de difícil resolução: é o carácter arreligioso que têm, por definição, todas as Associações Académicas.

Quando até agora proclamámos que o homem tem de tomar consciência da sua missão de homem feito à imagem e semelhança de Deus, está implícito que esta é a base da sua formação integral. Se alguns problemas se podem desenvolver fora das relações com o divino, há muitos outros em que o homem tem de escolher um de dois caminhos: ou católico ou não católico. Daqui se depreende a necessidade premente de uma Universidade Católica que possa indicar ao

homem não só a sua atitude para com os semelhantes mas também a sua atitude para com Deus. É evidente que esta Universidade não absorveria as outras mas funcionaria a seu lado; a sua função, depois da formação dos próprios alunos, seria irradiar à sua volta a luz de que estava possuída, para que o homem tomasse a consciência nítida da existência do Transcendente. Esta irradiação far-se-ia através dos estudantes nas conferências a que já aludimos.

E porque não fomentar a criação de uma Revista da Universidade de Lisboa? Não com o carácter doutoral ~~uma~~ e especializado que assumem as nossas revistas de Universidade as quais, a maior parte das vezes, nem chegam ao conhecimento dos alunos. É certo que elas têm uma razão de existir e são instrumentos preciosos para sábios e investigadores. Mas diferente seria a Revista a que nos referimos. Feita por alunos, deveria conter artigos destinados propositadamente a divulgar aquelas matérias que, embora interessando a todos, são só ~~ap~~preendidos por alguns. Sempre no desejo de sermos o mais concretos possível lembramos que seria interessante apresentar, de uma forma sumária e compreensível, o funcionamento da bomba atómica e a sua adaptação à guerra; ou algumas ideias objectivas e elevadas sobre a literatura contemporânea; e ainda noções de biologia ou de algumas das modernas descobertas da medicina. Sabemos bem que ~~algumas~~ várias revistas de Faculdades têm procurado fazer o que rapidamente aqui esboçámos. Mas é preciso não esquecer que o campo abrangido por essas revistas é bastante restrito, falhando exactamente no aspecto de intercâmbio que temos em vista. É, pois, indubitável que seria uma Revista da Universidade o caminho ~~ideal~~ ideal para o fim que nos propusemos.

Há ainda a acrescentar um meio preciosíssimo que temos à nossa disposição e por intermédio do qual podemos realizar em grande parte o que desejamos. É a Rádio, concretizada no nosso caso da Universidade de Lisboa na Rádio Unversidade. Mas quando nem sequer se ouvem as suas emissões, como podemos esperar que se inicie uma campanha a sério a favor do intercâmbio universitário através da Rádio?

Devemos salientar, no final deste nosso trabalho, a acção da J.U.C. em prol da elevação do nível intelectual dos estudantes - não só nos temas de estudo apresentados em reuniões como nos artigos insertos nos boletins trimestrais e ainda na Revista anual Universitárias. Embora esta ainda não tenha penetrado o meio da forma que desejamos, o esforço no sentido de um mais alto nível universitário continuará.

Procurámos ser claros e precisos na exposição deste trabalho. Se fizemos demasiadas citações foi com o intuito de fundamentarmos as nossas afirmações apresentando o parecer de algumas autoridades. Pensamos ter aflorado os problemas que mais de perto se prendem com o título a que nos subordinámos, embora por vezes o tivéssemos feito com superficialidade devido à escassez do tempo de que dispúnhamos. Se alguém que nos escutou tem soluções mais oportunas a apresentar, agradecer-lhe-emos com todo o entusiasmo. Por nós, fizemos o que nos permitiu a experiência de quatro anos de Faculdade e algumas leituras que o interesse pelo assunto nos suscitou.

XXXXXXXXXXXX

XXXX



RESUMO

I-Aspecto teórico e geral:

- 1) Necessidade de um intercâmbio intelectual.
- 2) Inconvenientes da especialização profunda.

II-Aspecto prático e pormenorizado:

- 1) Pressupondo uma reforma total do ensino:
 - a) Criação de um ano pré-universitário.
 - b) Criação de um núcleo de cadeiras de cultura geral, obrigatórias, a funcionar junto de cada Faculdade.
- 2) Adaptando o referido intercâmbio aos cursos tal como funcionam actualmente:
 - a) Criação de um núcleo de cadeiras de cultura geral, facultativas, que assumissem o aspecto de conferências de divulgação e funcionassem junto de cada Faculdade.
 - b) Intercâmbio levado a efeito pelos próprios alunos: ciclode conferências de divulgação feitas por alunos e promovidas pelas A.A. das várias Faculdades.
 - c) Criação de uma Revista da Universidade de Lisboa.
 - d) Exploração da estação de Rádio do Rádio Universidade com o mesmo fim.
 - e) Referência à acção da J.U.C. em prol de um verdadeiro intercâmbio.

BIBLIOGRAFIA

- Cardoso, Prof. Pires - "A Universidade, Instituição Corporativa"
- Carrel, Alexis - "O Homem, esse desconhecido"
- Gasset, Ortega y - "A missão da Universidade"
- Harmel, P. - "Culture et Profession"
- Montes, M. - "Contribuição à reforma do ensino no I. S. T."
- Piobetta - "Les institutions universitaires en France"
- Sertillanges - "A vida intelectual"